

## A PSICANÁLISE E AS DISFUNÇÕES SEXUAIS

Mary Georgina Boeira da Silva<sup>1</sup>

### PSYCHOANALYSIS AND SEXUAL DYSFUNCTION

**Resumo:** Este trabalho discorre sobre a importância dos pressupostos teóricos freudianos para explicar a gênese da sexualidade humana. Objetiva também demonstrar porque a Psicanálise é uma indicação decisiva para o paciente que sofre com sua insatisfação sexual e aspira a efetivas mudanças.

**Palavras-chave:** Psicanálise; disfunção sexual; pulsão.

**Abstract:** This paper discusses the importance of Freudian theories to explain the origin of human sexuality. It also demonstrates why psychoanalysis is decisive in the approach to patients who suffer with their sexual dissatisfaction and look forward to change.

**Keywords:** Psychoanalysis; sexual dysfunction; drive.

A construção teórica freudiana que considera a existência de uma sexualidade infantil e a ela atribui a origem de uma potencialidade erótica do adulto é a premissa norteadora para o atendimento psicanalítico.

A compreensão de nossa vida psíquica passa pelo conceito de sujeito e confere singularidade a toda e qualquer personalidade adulta.

O sujeito é formado pela reordenação de vários *eus* anteriores, que, por sua vez, são produtos de identificações múltiplas. Está *assujeitado* pelos elementos significantes que são o que articulam o Inconsciente e que têm por efeito os sintomas.

Nessa formulação estamos constituídos historicamente, e dependentes das reminiscências transferimos essa identidade para as nossas relações atuais.

---

<sup>1</sup> Psicóloga, Psicanalista, Membro Efetivo do Instituto *Wilfred Bion*. Presidente da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul. e-mail: [marygeor@terra.com.br](mailto:marygeor@terra.com.br)

Na prática psicanalítica, o que se coloca em questão são as relações do sujeito com o outro, e a forma (histérica, obsessiva, fóbica) de cada um nessas relações.

Cada caso é um caso, mas uma coisa se impõe: ninguém escapa da sedução dos primeiros contatos corporais da infância, ninguém escapa da vivência inicial que tem como referente o corpo do bebê e que serve para inaugurar as primeiras experiências de satisfação (GARCIA-ROZA, 1984).

Do auto-erotismo inicial à pulsão sexual muita coisa se passa, e nesse cenário moldamos o narcisismo.

Quando Freud (1915) forja o conceito de PULSÃO (*Trieb*, em alemão) pretende antes de mais nada apresentar uma elaboração operacional para a sexualidade humana.

Pulsão é o representante psíquico dos estímulos que se originam no corpo e alcançam o psíquico, a mente. É a representação das forças orgânicas.

Ora, o sexo, em todos os seres vivos, à exceção do homem, está organizado funcionalmente nos processos orgânicos e tem o intuito da reprodução. No caso do ser humano, o que nos distingue é exatamente a possibilidade de, enquanto ser biológico, rompermos com o instinto e produzirmos um ser simbólico, onde o sexo só se efetiva embalado por concepções e pensamentos.

Nossa relação com o outro depende de uma estrutura pensante. Somos puro símbolo. Simbólico aqui significa toda a dimensão de representações via linguagem que dá conta do sujeito. E é por isso que há cultura, porque dispomos dos significantes que nos representam.

Para Lacan (1953 p. 265-266), o simbólico adquire o *status* de uma instância psíquica, e nessa conformação, o sexo, sendo um mecanismo orgânico, anteriormente apoiado na dinâmica do instinto, perde a conexão com sua origem animal, integrando uma sexualidade que carece de ser gerada a cada nascimento de um sujeito.

Teoricamente podemos dizer que o humano é um ser dissociado na origem: entre o símbolo (o pensar) e o corpo, e, por extensão, entre o amor e o sexo.

A “natureza humana” é uma sexualidade que tem um corpo que vai ser usado (o sexo) para produzir satisfação no simbólico.

A Pulsão é o instinto que perdeu sua natureza, que se desviou de suas fontes e seus objetivos específicos.

Entender essa noção de apoio, no somático oferece operacionalidade para trabalharmos a complexidade das problemáticas sexuais dos adultos.

Quando rompemos com o instinto, a satisfação é o objetivo da pulsão, não importando qual seja o objeto. A perda de objeto organiza a multifacetada sexualidade humana que pode ir do fetiche ao Ideal.

O conceito de pulsão envolve extensa teoria; implica examinarmos a fonte, a pressão, o objetivo e o objeto; reconhecer os destinos da pulsão e compreendermos que existem os representantes psíquicos da pulsão. Daí a distinção entre a pulsão enquanto representante de fontes somáticas e os representantes psíquicos da pulsão. Se, por um lado, a pulsão representa psiquicamente as excitações emanadas do interior do corpo, por outro lado ela é representada pelos seus representantes psíquicos: a idéia e o afeto. Nesse ponto, integramos corpo e mente para podermos falar do humano.

Essa é a formulação freudiana para a gênese da sexualidade, e, logicamente, para o funcionamento psíquico.

O bebê, enquanto criatura recém-nascida, integra essa gênese quando parte em busca do objeto: o leite materno, e, no ato de mamar, experimenta as mais diversas excitações físicas que se materializam através da língua, lábios e boca. Tais excitações vão compor os registros que se associam ao prazer, à satisfação. Esta experiência inaugural subverte o biológico na medida em que se desenvolve como potencialidade para a busca de satisfação. Constitui-se, pois, como uma dinâmica que ganha corpo não no biológico, mas no simbólico, nas representações, e que vai ser o núcleo de trabalho na prática analítica.

Para a Psicanálise, a sexualidade não corresponde exclusivamente ao sexo. Esta, a rigor, é a mais significativa diferença entre o enfoque psicanalítico e aquele da concepção biológica do comportamento sexual.

Para Freud (1915), mesmo que a relação mãe-bebê se expresse como relação puramente amorosa, e continente no que se refere aos cuidados maternos, exhibe-se originalmente fadada, em termos estruturais, a produzir um sujeito simbólico marcado pela sedução dos primeiros contatos corporais, e eternamente insatisfeito. Isto não quer dizer que se despreze a importância dos cuidados contínuos dedicados ao bebê, pelo contrário, eles configuram uma dimensão de apoio na realidade, no vínculo para a sobrevivência do recém-nascido. O que Freud (ibid) formula é uma teoria onde o somático serve de apoio ao funcionamento psíquico, e dá conta de entendermos que a “natureza” da sexualidade é em essência uma natureza incerta e insatisfeita, como decorrência de sua própria gênese.

Por isso, o exemplo inaugural é o lactante que, em busca do alimento, depara-se com a experiência/aprendizagem de produzir excitação/satisfação. Assim, será por puro prazer que vamos aderir à vida sexual e nos constituirmos humanos.

Então, sexualidade depende de aprendizagem (construção) e de prática (relação), e vai se expressar na forma em que se construiu, como uma disposição psíquica universal moldada pela cultura. Tanto é uma representação mental como uma diferença anatômica, e faz com que entendamos que o sexo pertence à essência da sexualidade.

Em razão dessa lógica, pacientes tem exibido as marcas da atual modernidade e, não raro, chegam queixosos de sua disfunção sexual, almejando uma solução imediata. Como mecanismo de defesa, tratam o sexo como um acontecimento dissociado de suas vidas, e carecem de um tempo para integrar sintomas que não reconhecem como seus.

Narcisicamente, obliteram a retificação subjetiva e suas expectativas são quase ortopédicas, na medida em que consideram o sintoma expressivo de causas exclusivamente orgânicas. Em resumo, esperam uma solução focada só no corpo como se isso fosse possível.

O trabalho psicanalítico, exatamente porque pressupõe essa dissociação teórica na origem, mas integra nas problemáticas sexuais a vivência do sujeito, pode se oferecer como instrumento para uma efetiva mudança. Nesse âmbito, considera-se a dimensão da subjetividade não só do ponto de vista racional, mas também do desejo, que é da ordem do Inconsciente.

A própria clínica do atendimento das disfunções sexuais é um efeito da Psicanálise, já que foi ela quem transformou nossa maneira de pensar o sexo na contemporaneidade. Como não há dicotomia no funcionamento do sujeito (corpo e mente), os sintomas físicos também compõem o arsenal dos recursos estruturantes do paciente. Cada época “produz” suas doenças e suas terapêuticas; isto, quando compreendido em toda a sua extensão e essência, só vem a reforçar, de modo seguro e radical, a concepção simbólica da sexualidade.

## **Referências bibliográficas**

- FREUD, S. (1915) *Os instintos e suas Vicissitudes*. Rio de Janeiro: Imago, 1974 (14ª Edição Standard Brasileira).
- GARCIA-ROZA, L.A. (1984). *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- LACAN, J. (1953). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

## **Bibliografia consultada**

- NASIO, J-D. (1983). *Psicossomática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.